

A PAIDEIA FRANCISCANA: PERSPECTIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL

THE FRANCISCAN PAIDEIA. PERSPECTIVES FOR INTEGRAL EDUCATION

Marco Aurélio Cardoso Feliciano¹

RESUMO

A reflexão sobre a educação franciscana emerge da compreensão do humano, em todas as suas dimensões, tendo como base o modelo grego de formação marcado pelos termos Paideia e Arete. Por estes, consolida-se um olhar educacional de cunho humanista, em que imperam a busca de desenvolver virtudes e não somente oferecer uma formação puramente cognitiva e conceitual. A Paideia franciscana surge como resposta às necessidades deste tempo, visto que a tarefa da escola é formar o humano para o ser e o atuar pessoal e socialmente neste mundo. Desenvolver Princípios e Valores Franciscanos para que surjam atitudes positivas e transformadoras. Para tanto, há que se buscar no exemplo e legado deixado por Francisco de Assis, pistas para a relação fraternal entre professor e estudante, de modo a concretizar um caminho pautado pelo diálogo respeitoso, pela mútua aprendizagem, pela valorização do diferente, ao mesmo tempo em que se projeta a autonomia e o protagonismo do estudante.

Palavras Chave: Paideia. Arete. Educação franciscana. Humanismo. Espiritualidade. Cidadania. Princípios e Valores.

ABSTRACT

The reflection on Franciscan education emerges from the understanding of the human, in all its dimensions, based on the Greek model of formation marked by the terms Paideia and Arete. For these, an educational perspective of a humanist nature is consolidated, in which the search to develop virtues prevails and not only to offer a purely cognitive and conceptual formation. The Franciscan Paideia arises as a response to the needs of this time, since the task of the school is to form the human being and acting personally and socially in this world. Develop Franciscan Principles and Values so that positive and transforming attitudes emerge. To do so, it is necessary to seek in the example and legacy left by Francisco de Assis, clues to the fraternal relationship between teacher and student, in order to materialize a path guided by respectful dialogue, mutual learning, appreciation of what is different, at the same time in which student autonomy and protagonism are projected.

Keywords: Paideia. Arete. Franciscan education. Humanism. Spirituality. Citizenship. Principles and Values.

¹ Possui graduação em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás - IFITEG (2001) e Licenciado em História pelo Centro Universitário de Brasília - CEUB (2009). Atualmente coordena o Ensino Religioso e Ensino Médio da Escola Franciscana Nossa Senhora de Fátima - Brasília/DF.

1. RAÍZES HISTÓRICAS DA PAIDEIA

A história da educação tem suas raízes na Grécia antiga e encontrava-se intimamente associada ao termo “**Paideia**”. Tal termo associava-se à “*criação de meninos*”, o que comportava um processo de formação muito mais complexo que a mera reprodução de conhecimentos. “O século IV a.C é a época clássica da história da Paideia, se entendemos por esta o despertar de um ideal consciente de educação e cultura” (JAEGER, 2013 p. 483). O que pode ser confirmado desde as produções Homéricas, sendo este, um dos expoentes desta tradição cultural grega.

O papel da educação na mentalidade grega antiga se fundamentava no conceito de **Arete**, que é retratada também nos poemas homéricos como um atributo da nobreza, ou conjunto de qualidades espirituais, cognitivas, morais e físicas desejáveis para o homem. O termo associava-se intimamente à imagem grega do herói, cujas virtudes deveriam sobressaltar na vida social, em outras palavras apontava para a força, a bravura, a coragem e a honra que poderiam ser visibilizadas no ideal do homem grego. O herói tornava-se o exemplo ou *παρδειγμα* (paradigma) para a sociedade, expressando beleza física e bondade como excelência física e moral, e por essa razão, a mobilização de esforços e ações que cunhassem tal imagem e formassem tal homem. (JAEGER, 2013).

A filosofia grega versou também sobre a educação, promovendo uma ampliação de entendimento que ultrapassasse a reflexão educacional pautada na poesia e nas artes. A partir do fenômeno dos Sofistas, considerados os fundadores da ciência da educação, apareceram os fundamentos de uma pedagogia que formasse não apenas o homem, mas também o cidadão. A mesma não restringia a sua ação numa mera formação intelectual, mas antes conduzia para a mais alta **Arete** humana englobando o preparo do corpo (físico), do espírito (intelectual) e do social (cidadania).

Os princípios pedagógicos desses povos visavam ao preparo dos cidadãos para tomar as decisões na **polis** e, assim, para o exercício da democracia, preceito também originário da Grécia Antiga. É com os filósofos que a racionalidade emana como capacidade humana de observar o contexto a partir de sua própria existência.

Retomando as principais linhas de pensamento dos Filósofos gregos percebe-se uma afirmação pautada em uma visão humanista. Em seus diálogos, Sócrates discute o desenvolvimento de um processo educacional humanizador, estruturado a partir da criticidade e dúvida. Dessa forma, o pensador estimulava o reconhecimento da ignorância do ser em comparação ao saber, bem como, da comunicação, dialogicidade e interação entre os indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem. Já as concepções de Platão para a Paideia envolveram uma abordagem essencialmente política do aprendizado, voltada ao preparo ético e moral do cidadão da polis. As principais ideias platônicas no que tangia a educação circundavam a discussão da matéria e das virtudes, que era comumente chamada teoria das ideias (PLATÃO, 2001). Aristóteles, por sua vez, destoa de Platão, ao adotar uma abordagem concreta de estudo das coisas, a partir delas mesmas, por meio da teoria do movimento. O pensador também se dedicou à sistematização do conhecimento em diferentes áreas, contribuindo para o desenvolvimento dos currículos, apresentando uma perspectiva realista das segregações e problemas sociais na polis (CAMBI, 1999).

2. BASES PARA UMA PAIDEIA FRANCISCANA

A Paideia franciscana emerge de um exercício formativo que objetiva moldar o sujeito desde sua interioridade, para depois perpassar a interação social e fraterna. A **Paideia** (Παιδεία) Franciscana, nesta perspectiva, comporta o movimento voltado para a modelação do próprio “ser” e “estar” no mundo, reconhecendo-se sagrado, ao mesmo tempo, em que vislumbra o Bom, o Belo e o Bem que emerge do Sumo Bem, Criador de todas as coisas. Tem a finalidade de alcançar um alto grau de consciência que marca o humano em sua individualidade, mas também desemboca numa ação social crítica, reflexiva e autônoma.

Não se pauta somente pelo domínio cognitivo, visto que este processo abarca os aspectos afetivos, espirituais e relacionais da pessoa. Trata-se, portanto, de uma **formação integral** que possibilita à pessoa o aprofundamento da própria consciência de ser, favorece o desenvolvimento da capacidade relacional, ao mesmo tempo em que promove a definição de que “viver é uma graça” (¡luvat vivere!!!). Portanto, a Paideia Franciscana baseia-se na ênfase do “bem estar” pessoal e comunitária, bem como norteia a pessoa para conferir sentido de ser e existir. Nesta linha, a riqueza de todos os bens, qualidades e talentos individuais conduzem ao enaltecimento da dignidade e da fraternidade.

A Paideia Franciscana consolida-se como um itinerário pedagógico em cuja epistemologia parte do conhecimento de si mesmo (“*Conhece-te a ti mesmo*” - γνῶθι σεαυτόν) ou dos níveis mais profundos do ser. Para fins de validar tal itinerário e promover a compreensão da própria existência e identidade, a pessoa necessita exercitar a indagação, a percepção do que a define, a capacidade de se autotranscender e definir seus objetivos pessoais.

Este fundamento que norteia a Paideia Franciscana encontra-se presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), que tal como descrito na Competência Geral número 08 propõe a necessidade do **Autoconhecimento e autocuidado** visando o desenvolvimento do ato de conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Contudo, mesmo considerando o movimento que a pessoa faz em direção a si mesma para alcançar a autocompreensão, é inegável que há uma dimensão relacional que também influencia e molda as identidades. Ao tratar sobre a fraternidade, que é uma das bases da filosofia franciscana, se coloca a questão do “outro” (aquele que não sou eu) que para o carisma testemunhado por Francisco de Assis é “irmão”. A máxima pronunciada pelo santo de Assis em seu Testamento que diz, “**e depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho.**” (São Francisco - 1226), aponta a dimensão social/relacional.

A educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo e se dá nas relações. Para educar - e para ser educado - é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades seja entre professor-estudante, ou seja, estudante-estudante. Nesta lógica, o fundamento da fraternidade se apresenta como elemento capaz de resignificar o encontro com o “outro”, pois a promoção de encontros positivos é essencial para que aconteça a aprendizagem. Esta categoria denominada “outro” foi amplamente discutida por filósofos existencialistas tais como, Kant (1804),

Sartre (1980) e Espinoza (1972) e este último já acenava para a necessidade das relações positivas para que aconteçam de fato as aprendizagens, segundo o pensador, os bons encontros, aumentam a potência de pensar e agir e em contrapartida, e os maus encontros, diminuem estas mesmas potências. As boas relações embasadas pela fraternidade partem da compreensão de que o outro é sagrado, pois revela o Criador, o Altíssimo, o Sumo Bem do qual procede tudo e todas as coisas. Nesta linha, olhar positivamente para o “outro”, positiva as relações e, por conseguinte o processo educacional.

Seguindo esta lógica a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) sinaliza na Competência Geral número 09 a necessidade de promover o desenvolvimento da **Empatia e cooperação**. Desta forma, a escola deve promover o exercício da empatia, do diálogo, da resolução de conflitos e da cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

A Paideia Franciscana acena também para uma intervenção e atuação na sociedade, conduzindo para um exercício consciente e livre acerca das decisões que envolvem o bem comum. Trata-se da proposição de outro jeito de ser e viver no mundo.

O franciscanismo surgiu num período em que as premissas da fé regiam a vida em sociedade confirmando muitas vezes o *status quo* do mundo medieval. Esta aliança entre os representantes da Igreja com os nobres produziram questionamentos de movimentos sociais que foram denominados heréticos pelo poder religioso. Tais movimentos heréticos existiram desde o estabelecimento do Cristianismo nos primeiros séculos depois de Cristo, entretanto, a partir da Baixa Idade Média, esses movimentos popularizaram-se e vários surgiram por várias partes da Europa, tais como os cátaros, valdenses, albigenses, beguinos e premonstratenses. A diferença tais movimentos e o franciscanismo é que este último inaugura um movimento reformador mantendo a fidelidade religiosa. O franciscanismo consolidou-se como uma reforma eclesial levando uma nova forma de viver a fé pautada pela minoridade, fraternidade, penitência e pobreza que para Francisco de Assis consolidava uma vida pautada no Evangelho.

Tal movimento foi crescendo de forma a ser assumida por milhares de pessoas, letradas e não letradas, que desejavam a mudança e o testemunho dos fundamentos do Evangelho. Tratava-se de uma atitude reformadora e transformadora que promoveu a mudança em quase todos os espaços da vida social na época. Esta capacidade de agir responsável e conscientemente deve ser desenvolvida no espaço escolar visto que o bem comum é tarefa de todo cidadão, assim como, o compromisso para proposições de alternativas que minimizem a exclusão, a marginalização e diversas situações que levam pessoas à vulnerabilidade. Neste sentido, a contribuição franciscana consolida-se como uma resposta positiva diante das adversidades, pois não se trata de uma crítica que quem não se envolve nas problemáticas humanas, mas ao contrário, trata-se de um olhar crítico de quem se envolve, se engaja na busca de respostas e participa das transformações necessárias. Uma coisa é outorgar a tarefa a outrem (governo e autoridades constituídas), outra é assumir o papel de cidadão capaz de realizar as pequenas mudanças que transformam vidas.

A Base Nacional Comum Curricular acena para esta necessidade de se desenvolver a Competência 10 que trata da **Responsabilidade e cidadania** entendendo tal ação como a promoção de um agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Considerando a integralidade do ser e o papel da educação voltada para o desenvolvimento das múltiplas dimensões que constituem a pessoa, há que destacar a necessidade de se aprofundar o conhecimento, os saberes e as ciências. Nesta linha, as escolas e universidades **são lugares onde o mundo é tratado como um “objeto de pensamento”,** mas também **“lugar de experiência”.** A Paideia Franciscana traz este alinhamento entre o “conhecer” e o “fazer”, o que em outras palavras remete aos fundamentos das Competências no que tange ao desenvolvimento **cognitivo**, ao domínio **conceitual** e a capacidade **procedimental** que deve ser trabalhada nos estudantes. Tal perspectiva é corroborada pela filosofia franciscana que associa o conhecimento formal ao campo prático da ação e atuação das pessoas conscientes. Tudo que se ensina ao estudante deve remeter **à realidade do mesmo (contexto), ao mesmo tempo em que deve remeter a uma aplicabilidade do que se estuda para que aprendizagem seja de fato significativa.**

Toda pessoa detém o potencial de reconhecer e explicar a realidade a sua volta, contudo, para superar uma compreensão superficial e simplista pautada no senso comum, é preciso um processo epistemológico que favoreça a apropriação e produção dos conhecimentos, bem como, desenvolva a capacidade de produzir saberes com autonomia e criatividade. Assim, as instituições de ensino devem considerar a Competência Geral número 01 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) que propõe o desenvolvimento do **Conhecimento** como a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital voltados para o entendimento e explicação da realidade, bem como, continuar aprendendo e colaborando para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, ao introduzir novos saberes, o professor franciscano deve considerar os conhecimentos prévios já adquiridos pelo estudante, pois como afirma Tomás de Aquino (1274)

Ora, o conhecimento preexiste no educando como potência não puramente passiva, mas ativa, senão o homem não poderia adquirir conhecimentos por si mesmo. E assim como há duas formas de cura: a que ocorre só pela ação da natureza e a que ocorre pela ação da natureza ajudada pelos remédios, também há duas formas de adquirir conhecimento: de um modo, quando a razão por si mesma atinge o conhecimento que não possuía, o que se chama descoberta; e, de outro, quando recebe ajuda de fora, e este modo se chama ensino. [...] o professor deve conduzir o aluno ao conhecimento do que ele ignorava, seguindo o caminho trilhado por alguém que chega por si mesmo à descoberta do que não conhecia. (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p. 31-32).

Em outras palavras, cabe dizer que o conhecimento é um processo dinâmico, que se inicia desde os fundamentos que a pessoa constitui para si mesma, às bases adquiridas nas relações e nos novos saberes que são desenvolvidos pela mediação do professor. Sabendo que o conhecimento humano inicia-se na primeira infância quando a criança, por imitação repete os gestos, as expressões faciais, as palavras dos adultos com quem convive e depois se amplia à medida que esta vai passando pelas outras fases do desenvolvimento humano, cabe dizer que há um cabedal de saberes que a pessoa já apresenta consigo mesma. Com isso, a ação do professor é mediar processos de aprendizagem a fim de ampliar a percepção que o estudante tem da existência, promover a superação de visões simplistas, ao mesmo tempo em que desenvolver o saber ordenado logicamente, formando um sistema de ideias e não conhecimentos dispersos e desconexos.

3. PISTAS PARA PEDAGOGIA FRANCISCANA A PARTIR DOS ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea atingem pessoas e instituições, sendo inegável que o processo educacional foi um dos que mais sofreu mudanças em curto período. Nesta linha cabe dizer que, o papel do estudante e do professor não mudou radicalmente, mas a forma como a relação é estabelecida entre ambos foi inegavelmente se transformando a partir dos anos.

Este novo modelo relacional que chega às instituições de ensino e acarreta um novo olhar para processo de ensino aprendizagem. O foco no conteúdo dá lugar a uma percepção mais integral da pessoa e assim, mesmo considerando o professor como especialista em matéria é indispensável que o mesmo aprenda a ensinar com uma clara e firme liderança, que faça as intervenções com equilíbrio entre a “ternura” e o “vigor” bem como, demonstre carisma, motivação, criatividade, inovação e domínio da comunicação.

Tal postura não desmerece a função e menos ainda desautoriza o professor em seu ministério, mas acena para a relação humanista que se visibiliza no franciscanismo. Francisco de Assis já acenava para o exercício humanista do cargo ou função assumida por uma pessoa e nas **Admoestações** número 04 o santo diz aos seus: *“Os que estão constituídos sobre os outros, gloriem-se dessa prelatura como se tivessem sido encarregados do ofício de lavar os pés dos irmãos”*. Este trecho deixa clara a perspectiva da minoridade como máxima franciscana conduzindo assim para o serviço aos outros e para uma reverência ao próximo, como prefiguração do rosto do Criador.

Ao denominar seu movimento como Ordem dos Frades Menores, o santo acena para a minoridade, que não se trata de subserviência, mas antes um testemunho de que funções e cargos são passageiros e não servem para que ninguém se sinta maior ou subjuguie alguém. Tal atitude franciscana se fundamenta no próprio testemunho de Jesus *“que se humilha diariamente, como quando veio do trono real (Sb 18, 15) ao útero da Virgem; vem diariamente a nós ele mesmo aparecendo humilde; E como se mostrou aos santos apóstolos em carne verdadeira, assim também a nós agora no pão sagrado.”* (Adm 1,1-18).

Em seus escritos o santo de Assis assinala para outra atitude indispensável ao educador franciscano. A caridade já descrita por Paulo na Carta aos Coríntios (I Cor 13) é tema frequente nos escritos de Francisco de Assis e pode com certeza tornar-se presente na relação estudante-professor. A escola necessita oferecer aos estudantes os limites, as regras e a educação que muitas vezes não são cultivadas no lar, contudo, o professor franciscano nunca poderá perder de vista a caridade, para permanecer vendo o humano diante dele e não ao pecado cometido. Nesta Linha, Francisco de Assis já dizia a seus frades que *“se alguma pessoa pecar de qualquer modo, e por isso, e não por caridade, o servo de Deus se perturbar e encolerizar entesoura para si a culpa”* (Adm 11,2).

Na Carta a um Ministro, Francisco de Assis eleva o significado da expressão caridade para com o próximo, a ponto de acenar para o perdão que deve se concretizar nas relações.

E nisto quero conhecer se tu amas ao Senhor e a mim, servo seu e teu. Se fizeres isto, a saber: que não haja nenhum frade no mundo, que tenha pecado tanto quanto puder pecar, que, depois que tiver visto teus olhos, nunca se retire sem a tua misericórdia, se buscar misericórdia. E se não buscar misericórdia, que tu lhe perguntes se quer misericórdia. E se depois pecasse

mil vezes diante de teus olhos, ama-o mais do que a mim, para isto, para que o atraias ao Senhor; e que sempre tenhas misericórdia de tais [pessoas]. (CtMin 9-11)

Atualmente os professores lidam com situações de desrespeito, violência, indisciplina e constrangimentos, frutos de uma excessiva liberdade e falta de acompanhamento familiar. Em resposta a tal situação a educação franciscana propõe uma via de resgate da pessoa a partir da caridade e afeto rompendo o ciclo do confronto e conflito. Esta pedagogia humanista pode ser confirmada na atitude de Francisco expressa no relato dos Atos do Bem-aventurado Francisco e dos seus companheiros (Cap. 29) que descreve a relação do santo com os três ladrões.

O relato descreve que a misericórdia e a humildade de Francisco para com os ladrões foram tão grandiosas, que eles começaram a se confrontar entre si e um com o outro, dizendo:

“Aí de nós, miseráveis e infelizes, pois a nós espera um tormento duro e infernal! Nós, que continuamos não somente depredando o próximo e ferindo os homens, mas até matando-os! E, no entanto, a respeito de tão horrendos crimes, não somos incitados por nenhum temor de Deus ou por compunção de consciência. E eis que este santo frade vem a nós; e por algumas palavras muito justas, proferidas por causa das nossas malícias, acusou-se humildemente diante de nós, e ainda por cima, com o pão e o vinho trouxe-nos o benefício da caridade, e contou-nos da promessa tão generosa do santo pai de oferecer-nos o necessário” (TEIXEIRA, 2004. 29).

Os três foram então a Francisco, pedindo que este os acolhesse e o santo os acolheu benigna e caridosamente, exortando-os com muitos exemplos levando-os assim a encontrarem a misericórdia de Deus. E conta-se que aqueles três homens se mantiveram fiéis a Deus, mudaram suas vidas, trabalharam muito pelos necessitados e se tornaram muito piedosos, dando exemplos a muitas pessoas até o fim de suas vidas.

O processo educacional deve abrir caminhos para a mudança e esta acontece desde a sala de aula quando os rótulos, preconceitos e situações de discriminação dão lugar a uma atitude de caridade e acolhida. Nesta linha, Francisco de Assis reforça *“bem-aventurado o homem que suporta o próximo segundo a sua fragilidade naquilo em que gostaria de ser suportado por ele, se o seu caso fosse parecido”* (Adm 18).

Esta prática de caridade que norteia a ação do professor franciscano requer outra virtude que é fonte de muitos dons. A humildade é determinante para quem quer seja, visto que a mesma parte do reconhecimento de que ninguém é absoluto, perfeito e detentor de todo saber ou poder. O santo de Assis já exortava seus frades desta atitude e dizia que, *“bem-aventurado o servo que é tão humilde entre os seus súditos como se estivesse entre os seus senhores”* (Adm 23).

Em se tratando das virtudes franciscanas, o santo de Assis acena para algumas que devem ser cultivadas para quem quer exercer a missão de educar para a paz e para bem.

Onde há caridade e sabedoria, aí não há temor nem ignorância. Onde há paciência e humildade, aí não há ira nem perturbação. Onde há pobreza com alegria, aí não há cobiça nem avareza. Onde há quietude e meditação, aí não há solicitude nem distração. Onde há temor do Senhor guardando a porta, aí o inimigo não acha jeito de entrar. Onde há misericórdia e discrição, aí não há superficialidade nem endurecimento (Adm 27).

Com o cultivo destas virtudes que ornaram o verdadeiro franciscano se alcança a tarefa de transformar a vida significando as relações. Pois o educador franciscano não é só um transmissor de conhecimentos, mas também uma referência de vida.

No mundo franciscano, não é mais sábio quem sabe mais coisas, mas aquele que é mais coerente com as coisas essenciais que sabe. A coerência entre o pensar, o sentir e o agir são um critério fundamental para reconhecer a profundidade humana e a saúde espiritual do homem. O conhecimento vivido no franciscanismo denomina-se *sapiência*, e a sapiência não consiste tanto no possuir algumas verdades quanto no ser possuído pela Verdade e poder ser testemunha permanente dessa Verdade que nos transcende. O humanismo franciscano não é simplesmente um humanismo edificante, de boas intenções, de poesia e de candura. É um humanismo de realidades, de conteúdo, de atitudes, de empenho e de combatividade. É um humanismo de pensamento e de ação, de contemplação e de participação, de razão e de vontade, da vida e da morte, do trabalho e do repouso, do indivíduo e da comunidade, do profano e do sagrado, do céu e da terra, porque o autêntico humanista franciscano é homem que se abre a todo real e é permanente discípulo da Verdade (MERINO, 1982, p 44).

Nesta linha o educador franciscano será a pessoa capaz de deixar lembranças, não somente pelo que ensinou, mas principalmente pelo convívio, testemunho e ensinamentos de vida.

4. CONCLUSÃO

O autor Leo Fraiman em seu livro, “Como ensinar bem”, assinala para esta nova forma de ensinar que afeta a educação atual. Segundo o mesmo, **o estudante quer ter um modelo e não um mau exemplo**. Isso significa que o educador é uma referência em tudo que faz, desde a roupa que veste, o tom de voz utilizado, na forma de falar, de tratar os outros, de organizar-se, de relacionar-se, como também, nos valores que apresenta, testemunhando assim por atitudes o respeito, a cortesia, o senso de justiça, a capacidade dialogal, a humildade e caridade. Nesta linha, o autor completa que **o estudante quer orientação e não somente bronca**. O “vigor” franciscano que deve ser acompanhado pela “ternura” remete à firmeza do educador que fala com autoridade e não com autoritarismo, fala com segurança e não com ar de superioridade, reprende uma má conduta sem guardar rancor, bem como, utiliza as palavras certas sem ser grosseiro. Assim, **o educador franciscano deve oferecer explicações e não somente ordens**, pois ao explicar as razões que motivam as intervenções se dá possibilidade de formar a consciência do certo e do errado.

Todos estes elementos embasam a relação professor-estudante e fundamentam o processo da Paideia Franciscana que visa o desenvolvimento integral do humano. A educação franciscana não relega o conhecimento formal e nem a ciência, mas antes integra tais fundamentos a outros aspectos da vida, pois o saber deve conferir significados à existência em todas as suas expressões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

FRAIMAN, LEO. **Como ensinar bem a crianças e adolescentes de hoje**: teoria e prática. 1. Ed. São Paulo: Metodologia OPEE, 2015.

JAEGER, W. Paidéia: a formação do homem grego. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MERINO, José Antônio. **Humanismo Franciscano**: Franciscanismo e o mundo atual. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1982.

PLATÃO. **A República**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

TEIXEIRA, C. M. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: FFB-Vozes, 2004.

TOMÁS DE AQUINO. **De Magistro e os sete pecados capitais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.